



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO
PARA HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
UMA PROPOSTA PARA A GIBITECA HENFIL DE JOÃO PESSOA/PB**

ISABELA SARMENTO CAVALCANTI

**JOÃO PESSOA
2023**

ISABELA SARMENTO CAVALCANTI

**ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO
PARA HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
UMA PROPOSTA PARA A GIBITECA HENFIL DE JOÃO PESSOA/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Profa. Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves

**JOÃO PESSOA
2023**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376o Cavalcanti, Isabela Sarmento.

Organização e representação da informação para histórias em quadrinhos: uma proposta para Gibiteca Henfil de João Pessoa/PB / Isabela Sarmento Cavalcanti. - João Pessoa, 2023.
43 f. : il.

Orientação: Gracy Kelli Martins Gonçalves.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. História em quadrinho. 2. Representação temática da informação. 3. Gibiteca. 4. Biblioteca especializada. 5. Sistemas de classificação em biblioteconomia. I. Gonçalves, Gracy Kelli Martins. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 02

ISABELA SARMENTO CAVALCANTI

**ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO
PARA HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
UM ESTUDO NA GIBITECA HENFIL DE JOÃO PESSOA/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Biblioteconomia, pela
Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 20/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 GRACY KELLI MARTINS GONCALVES
Data: 25/06/2023 22:55:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves (orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente
 EDNA GOMES PINHEIRO
Data: 26/06/2023 12:53:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Edna Gomes Pinheiro (Avaliadora Interna)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente
 DENYSSON AXEL RIBEIRO MOTA
Data: 26/06/2023 13:45:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Denysson Axel Ribeiro Mota (Avaliador Externo)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

RESUMO

Este trabalho discute sobre como os processos de organização e classificação da Biblioteconomia podem ser aplicadas em bibliotecas especializadas em histórias em quadrinhos, conhecidas como gibitecas, a partir de uma adequação das normas para melhor atender seu público, com isso tem como objetivo geral: relatar como se deu os processos de organização e classificação do acervo da Gibiteca Henfil de João Pessoa/PB; e como objetivos específicos: a) contextualizar as HQs como recursos informacionais múltiplos em seus formatos e suas representações temáticas; b) analisar de forma crítica a literatura da área de Biblioteconomia sobre a representação da informação de HQs, e c) apresentar o manual de classificação desenvolvido para a coleção de HQs da Gibiteca Henfil. Para atingir esses objetivos, foi utilizada uma pesquisa de campo descritiva, com observação participante, e os resultados obtidos originaram um manual desenvolvido e aplicado, que vem sendo utilizado, para organização e classificação da Gibiteca Henfil. Após desenvolvimento do manual e aplicabilidade ao acervo da Gibiteca Henfil, conclui-se que uma organização intuitiva, e adaptada aos usuários, ajuda na independência destes, e facilita a manutenção do espaço pelas pessoas que trabalham ali.

Palavras-chave: histórias em quadrinhos; representação temática; gibitecas; bibliotecas especializadas; sistemas de classificação.

ABSTRACT

This paper discusses how the processes of organization and classification of Library Science can be applied in libraries specialized in comics, known as gibitecas in Brazil, from an adequacy of the norms to better serve its public, with that it has as general objective: to report how the processes of organization and classification of the Gibiteca Henfil collection in João Pessoa/PB took place; and as specific objectives: a) contextualize comics as multiple informational resources in their formats and their thematic representations; b) critically analyze the literature in the field of Library Science on the representation of comic book information, and c) present the classification manual developed for the comic book collection of Gibiteca Henfil. To achieve these objectives, a descriptive field research was used, with participant observation, and the results obtained originated a manual developed and applied, which has been used, for the organization and classification of Gibiteca Henfil. After developing the manual and applicability to the collection of Gibiteca Henfil, it is concluded that an intuitive organization, adapted to the users, helps their independence, and facilitates the maintenance of the space by the people who work there.

Keywords: comic books; thematic representation; gibitecas; special libraries; classification systems.

1 INTRODUÇÃO

Os quadrinhos começaram a surgir no fim do século XIX, quando artistas estadunidenses passaram a utilizar o formato para fazer sátiras políticas e sociais, que ficaram conhecidas como *comics* (*comics books*, como esse formato é conhecido até hoje pelos países falantes de inglês). Com essas sátiras, surgiram as revistas humorísticas que já se utilizavam da narrativa sequencial, personagens que se repetiam nas histórias e diálogos inclusos nas imagens. O primeiro quadrinho, no formato que conhecemos atualmente, surgiu com *The Yellow Kid*, de Richard Fenton, em 1895 (TEIXEIRA, 2020). Um dos objetivos com esse formato era atingir as massas, sendo um produto barato e de fácil compreensão por todas as classes sociais.

Mesmo que as histórias em quadrinhos (HQs) estejam longe de serem baratas, especialmente no Brasil, com seus mais diversos formatos (gibis infantis, revistas de super-heróis, encadernados, *graphic novels*), o seu objetivo de ser popular fez com que sejam consideradas uma literatura menor, histórias infantis, apenas um auxiliar quando as crianças ainda estão aprendendo a ler, antes de passarem para livros de verdade (VERGUEIRO, 2005). A inclusão desse material em bibliotecas universitárias sempre foi combatida por causa dessa ideia de inferioridade e falta de importância informacional, e em bibliotecas públicas por seus opositores se manifestarem regularmente contra o gasto de dinheiro governamental para esse tipo de acervo (VERGUEIRO, 2005).

Atualmente encontramos bibliotecas com coleções de HQs, embora ainda sejam exceções. Segundo Vergueiro (2005, p.4), os quadrinhos podem receber “um tratamento diferenciado em relação a outros materiais, como a não incorporação definitiva ao acervo, o descarte generalizado e a despreocupação com os critérios de seleção”. Muitas vezes são designados para uma área de leitura infantil, onde não há preocupação se as crianças rasgam ou riscam, por serem considerados materiais descartáveis.

No Brasil, temos as bibliotecas exclusivas de HQs, conhecidas como gibitecas. Porém, por causa da ideia persistente de se tratar de uma literatura inferior, quem muitas vezes cria esses espaços, ou os administram, são pessoas apaixonadas pelo material, que não necessariamente fazem parte da área da Ciência da Informação ou Biblioteconomia. Em outros casos, servidores realocados ou bibliotecários que prefeririam estar em ‘uma biblioteca de verdade’ ficam responsáveis pelo espaço. Como consequência, percebemos uma falta de organização no acervo, ou uma organização que não condiz com o perfil do usuário.

A Classificação Decimal Universal (CDU) e a Classificação Decimal de Dewey (CDD) são amplas e abrem espaço para uma variedade de combinações, além de serem

ferramentas essenciais para os bibliotecários. Porém, em um espaço como uma gibiteca, onde a maior parte do acervo não possui uma lombada que permita que a classificação fique exposta para o usuário e bibliotecário/a, essa organização e classificação não oferece a praticidade e ajuda necessária.

É preciso reconhecer que gibitecas são unidades de informação diferenciadas, com um tipo de acervo muito particular, que varia não apenas no gênero de produção, mas também no formato e no tipo de material, e precisam receber um tratamento adequado a essas diferenças. É necessário que a/o bibliotecária/o esteja preparada/o e aberta/o à adaptação ao tipo de usuário que utiliza o espaço, procurando estratégias de organização e classificação que possibilitem uma recuperação precisa do material desejado, atendendo às necessidades informacionais dos usuários, neste contexto específico.

O exemplo mais claro que vem ao falar desse tipo de adaptação e independência são as bibliotecas infantis, onde o sistema de cores é uma das estratégias de organização e recuperação da informação mais utilizadas. Foi inspirado nessa estratégia, juntamente com os sistemas de classificação tradicionais (CDD, CDU e Cutter), que Pajeú, Maia, Bassoli e Lima (2007), em seu artigo intitulado **Uma nova proposta de classificação de histórias em quadrinhos**, sugerem uma nova classificação, focada apenas nas histórias em quadrinhos e que pode ser aprofundada e melhorada com o uso.

Em João Pessoa (PB), há a Gibiteca Henfil, localizada na Fundação Espaço Cultural (FUNESC), no bairro Tambauzinho. A gibiteca foi fundada em 1990 pelo professor Henrique Magalhães como um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Por 10 (dez) anos funcionou na FUNESC antes de ser transferida para o Centro de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, onde ficou restrita a pesquisas acadêmicas. Em 2015, retornou ao espaço da FUNESC, e seu acervo de mais de cinco mil exemplares, entre gibis infantis, mangás (histórias em quadrinho japonesas), clássicos de super-heróis, fanzines e exemplares raros, voltou a ser de livre acesso.

Por meio de um estágio junto à Gibiteca Henfil, viu-se a necessidade de pensar e discutir uma classificação que atenda às demandas informacionais desse espaço. E dessa vivência suscitou uma proposta que é apresentada neste artigo. Com base no exposto, tomamos como questão de norteadora para este trabalho de conclusão de curso, em formato de artigo, a seguinte indagação: de que forma os processos de classificação da Biblioteconomia podem se aplicar a um espaço específico como uma gibiteca, adequando as normas para atender melhor o seu público?

Neste artigo, temos como **objetivo geral** relatar como se deu os processos de organização e classificação do acervo da Gibiteca Henfil de João Pessoa/PB.

Para o alcance deste objetivo geral, delineamos os seguintes **objetivos específicos**:

- contextualizar as HQs como recursos informacionais, múltiplos em seus formatos e suas representações temáticas;
- analisar de forma crítica a literatura da área de Biblioteconomia sobre a representação da informação de HQs;
- apresentar o manual de classificação desenvolvido para a coleção de HQs da Gibiteca Henfil.

Neste trabalho, pretendemos, com base na experiência de estágio realizada na Gibiteca Henfil, em João Pessoa/PB, discutir e lembrar como, através da observação dos usuários e o espaço disponível, organizamos e classificamos o acervo de forma que fosse intuitiva para eles, assim criando uma independência para o usuário ao mesmo tempo que facilita o trabalho do bibliotecário ou responsável. Esse tipo de discussão é essencial para refletirmos sobre a organização e representação de HQs, para a Biblioteconomia e para a formação de profissionais desta área.

Sendo assim, buscamos contribuir para este panorama propondo, além de uma discussão sobre o tema, a elaboração de um manual de dicas e instruções para organização de uma gibiteca, mais especificamente a Gibiteca Henfil e a classificação de suas coleções, onde se deu a experiência de estágio mencionada.

Este estudo tem início a partir da realização de um estágio extracurricular para o curso de Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba – UFPB que foi realizado no período de 01 de julho de 2019 a 30 de junho de 2021, totalizando mais de duas mil horas trabalhadas.

Em decorrência do estágio mencionado, esse artigo configura-se como um estudo de caso, realizado através de uma pesquisa descritiva, uma vez que a observação e participação não foi apenas como usuária, mas como uma estagiária em biblioteconomia que esteve responsável pela organização e classificação do acervo, assim como à frente do atendimento aos usuários.

Dada a sua natureza, caracteriza-se como pesquisa de campo, algo que “não só permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os ‘atores’ que conformam a realidade” (MINAYO,

2007, p. 61). Concomitantemente, há a observação participante, que Minayo (2007, p.70) define como “um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica”. A observação participante concede uma maior liberdade para a pesquisa, não exigindo instrumentos predeterminados, seja para uma coleta de dados ou para a identificação de hipóteses levantadas antes do processo de pesquisa começar, permitindo assim que a pesquisadora foque nos problemas que vão se apresentando no decorrer da pesquisa, e se adaptando quando se faz necessário (MINAYO, 2007).

Esse tipo de pesquisa “ajuda, portanto, a vincular os fatos a suas representações e a desvendar as contradições entre as normas e regras e as práticas vividas cotidianamente pelo grupo ou instituição observados” (MINAYO, 2007, p.71), facilitando a busca por soluções, a pensar de acordo com o contexto, ao invés de apenas tentar encaixar as regras existentes à situação apresentada. Nesse caso, devido ao estágio, foi possível observar o comportamento dos usuários em relação ao acervo, como eles se guiavam, o que procuravam, quais dúvidas surgiam no processo, assim como quais dificuldades eram mais frequentes na hora de tentar encontrar um determinado exemplar solicitado.

Essas observações foram feitas através de entrevistas informais (conversas casuais com os usuários quando estes faziam questionamentos sobre o acervo), anotações pessoais, utilização diária do acervo como estagiária e usuária interna, além do conhecimento pessoal a respeito do universo de histórias em quadrinhos, como uma consumidora de longa data desse tipo de mídia. Também foram conduzidas formas de adequação de métodos já ensinados no curso para melhor adaptação no espaço da Gibiteca, que obtiveram como resultado o manual a ser apresentado, além do estudo de materiais produzidos acerca do tema.

2 O CONTEXTO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NOS MODELOS DE CLASSIFICAÇÃO CLÁSSICOS

Para falar sobre a experiência de organização e classificação na Gibiteca Henfil, nas subseções seguintes serão contextualizadas as histórias em quadrinhos, a representação temática direcionada para esse tipo de acervo e como a classificação pode ser aplicada em histórias em quadrinhos.

2.1 Breve história das HQs

Podemos dizer que as histórias em quadrinhos existem desde o tempo que a humanidade vivia em cavernas, e desenhava relatos do seu dia a dia e suas aventuras nas paredes. Para que esses ‘desenhos’ se tornassem o que conhecemos hoje, levou milhares de anos e diversas mudanças: das artes rupestres passaram por hieróglifos (escrita egípcia), por mosaicos e tapeçarias, por xilogravuras sacras (impressões em madeira), entre vários outros (TEIXEIRA, 2020).

Segundo Banzato et al. (2009, apud TEIXEIRA, 2020), Rudolph Topffer, suíço, é considerado o pai dos quadrinhos modernos, misturando, a partir de 1827, desenho satíricos e caricaturas ao texto escrito, presentes em caixas abaixo das figuras, representando coisas do dia a dia. Mas foi alguns anos depois, em 1895 que as HQs começaram a receber o formato que possuem hoje, com a criação de *The Yellow Kid* (O menino amarelo) por Richard Fenton Outcault. A partir daí, mais histórias passaram a ser publicadas com o mesmo formato.

Duas das maiores editoras de quadrinhos que existente até hoje, surgiram na década de 1930 (DC Comics em 1934, e Marvel Comics em 1939), e com o começo da Segunda Guerra Mundial, foram criados alguns dos heróis que são conhecidos e amados até hoje, como Capitão América, Hulk e Superman (HOWE, 2013).

Enquanto no exterior esse tipo de história ficou conhecido como *comic books*, ou apenas *comics*, no Brasil, segundo Vergueiro:

[...] depois de alguma controvérsia inicial sobre a utilização de “estórias” ou “histórias”, parece ter se consagrado a expressão “histórias em quadrinhos” (normalmente abreviada para “HQ”) como a de maior preferência; no entanto, muitos leitores antigos e grande parte dos novos continuam ainda a utilizar o termo *gibis* quando se referem às revistas de histórias em quadrinhos de uma maneira geral, reproduzindo uma apropriação linguística semelhante à ocorrida no território espanhol, pois *Gibi* foi também uma popular revista de histórias em quadrinhos publicada no país. (VERGUEIRO, 2005, *online*)

O termo gibi hoje é usado de forma geral, ou para representar um tipo de formato. Por exemplo, as histórias da Turma da Mônica são referidas como ‘gibis da Turma da Mônica’, pelo seu formato menor e por ser voltado para um público infantil, enquanto histórias de super-heróis, hoje publicadas em um formato maior, são referidas como HQs.

As histórias em quadrinhos são caracterizadas por alguns elementos mais marcantes e que logo vem à mente quando se fala do assunto: imagens, quadros, onomatopeias e balões (CUNHA; PIMENTA, 2015). As imagens falam por si, e é através delas que boa parte da história é contada, porém os quadros (também conhecidos como requadros) também são essenciais em ditar o ritmo e passagem de tempo das histórias. Os balões podem vir de diversas

formas, e cada uma representa algo diferente, como o formato de nuvem para indicar que aquela fala é um pensamento ou imaginação de um personagem. E as onomatopeias, a forma de reproduzir sons através da escrita, podem representar qualquer som que seja relevante para a história que está sendo contada (TEIXEIRA, 2020).

Do mesmo modo que na publicação de livros há diferentes modelos (brochura, capa dura, livro de bolso), quando falamos de histórias em quadrinhos as possibilidades são ainda maiores. Abaixo, trazemos um quadro explicando os diferentes tipos de publicação.

Quadro 1: Descrição dos diferentes modelos de publicação de HQs

Formato	Descrição
Quadrinhos em jornais e revistas	Histórias curtas publicadas em jornais e revistas, normalmente em formato de tirinhas (quadros sequenciais).
Gibis/Histórias em Quadrinhos	Hoje o formato mais popular, podem continuar uma mesma história de forma indefinida. Publicadas mensalmente, são numeradas e seguem uma ordem sequencial.
Encadernados	Costumam conter uma sequência de histórias que foram publicadas anteriormente em outro formato (HQs ou em revistas), mas há ocasiões em que é uma história inédita. Geralmente, esses encadernados contêm uma história única, não necessitando de sequências.
Graphic Novels	Surgiram nos EUA, e as histórias publicadas nesse formato tem um começo, meio e fim. Podem ser compilações encadernadas de HQs previamente publicadas, ou histórias inéditas, de ficção e não ficção.
Mangás	O nome designado a histórias em quadrinhos japonesa. Enquanto as HQs das outras partes do mundo costumam vir em cores, os mangás são em preto e branco, e lidos da esquerda para direita. Suas histórias costumam ter um número de volumes fechado antes da publicação.
Fanzines	Revistas criadas e editadas pelos próprios autores. Normalmente tratam sobre um assunto que gostam (por isso o termo 'fan', que é fã em inglês). Tradicionalmente eram feitas de forma artesanal, mas hoje há também formatos digitais.

Fonte: Elaborada com base em Vergueiro (2005), Teixeira (2020) e Melo (2022)

Há diversas formas de se referir aos modelos de publicação. Às vezes, usa-se um termo geral para se referir a qualquer tipo de publicação, outras vezes divide-se em nomenclaturas diferentes para significar uma especificidade do gênero. Isso se deve em grande parte a falta de padronização pelas editoras que publicam histórias em quadrinhos, mas também pelo que se é popular em determinada época. Nenhum termo está 'certo' ou 'errado'.

2.2 A representação temática nos modelos clássicos

Segundo Targino (1995, p.12), a Ciência da Informação (CI) configura-se “como o conjunto de conhecimentos relativos à origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transferência, transformação e utilização da informação, ou seja, refere-se a todo o ciclo informacional”, isso quer dizer que ao lidar com a informação, você estará sempre exercendo alguma etapa desse ciclo. Caixeta e Souza (2008) afirmam que a ciência da informação é uma ciência da representação. Segundo os autores, “Em cada registro do conhecimento, em seus metadados, e em cada necessidade de informação, está implícita a necessidade de representação para que seja possível a comunicação de subjetividade” (CAIXETA; SOUZA, 2008, p.35). Sem uma representação para a informação, sua recuperação, tanto pelos profissionais, quanto pelos usuários, se torna falha.

Na Biblioteconomia, a representação da informação é dividida em duas vertentes: representação descritiva e representação temática. A primeira, também conhecida como catalogação, indica:

[...] as características específicas do documento, denominada descrição bibliográfica, que permite a individualização do documento. Ela também define e padroniza os pontos de acesso, responsáveis pela busca e recuperação da informação, assim como pela reunião de documentos semelhantes, por exemplo, todas as obras de um determinado autor ou de uma série específica. (MAIOMONE; SILVEIRA; TÁLAMO, 2011, p.28)

A partir da representação descritiva são identificadas as características físicas do material, que pode ser um livro, periódico, DVD, ou CD, por exemplo, título, autor, se contém ou não figuras, número de páginas, edição etc.

A segunda é chamada de representação temática, sendo responsável pela identificação dos temas e principais conteúdos contidos no material, com o objetivo de facilitar a recuperação de documentos que tratem dos mesmos assuntos (MAIOMONE; SILVEIRA; TÁLAMO, 2011).

É a partir dessa necessidade de representação dos materiais que se originaram os instrumentos de representação temática como a CDD (Classificação Decimal de Dewey) e a CDU (Classificação Decimal Universal), os sistemas de classificação mais populares na Biblioteconomia. Essas ferramentas “são também linguagens de indexação, pois as duas possuem um índice organizado de forma sistemática para facilitar a recuperação de uma informação” (SILVA, 2012, p.4), o que permite uma padronização na forma como os materiais

são organizados em diferentes bibliotecas que, além de facilitar o trabalho do bibliotecário, facilita a navegação do usuário em diferentes unidades de informação.

Outra ferramenta bastante utilizada na catalogação é o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2), que visa padronizar a formas de catalogação, e contém regras para facilitar essa padronização, com diversos capítulos que vão lidar com diferentes materiais, além de um segundo volume que tratará sobre sugestões para o que escolher utilizar como cabeçalhos, títulos, cabeçalhos para entidades, remissivas etc. (TEIXEIRA, 2020, p. 60).

Dentro dos recursos que surgiram para padronizar e otimizar o trabalho dos bibliotecários ao redor do mundo, foi criado o formato MARC21, que se utiliza de padrões de metadados e possibilita o intercâmbio das informações bibliográficas no formato de dados (ASSUMPÇÃO, SANTOS, 2015). O uso conjunto dos códigos e do formato para intercâmbio de dados bibliográficos são instrumentos indispensáveis para a organização dos acervos, de diversos suportes, no entanto, o seu principal foco é voltado aos livros. No caso dos HQs se classificados pelo AACR2, serão considerados uma publicação periódica.

2.3 Representação temática de Histórias em Quadrinhos

Conversas sobre quadrinhos estão presentes na área de Ciência da Informação há algumas décadas, mesmo que não com muita frequência. O interesse em mostrar a importância de HQs como recursos informacionais vem crescendo desde o início dos anos 2000, e pesquisadores vem abordando a necessidade de uma classificação diferenciada para esse tipo de mídia, como veremos a seguir com os manuais propostos por diferentes autores.

Ao falar sobre os acervos de gibitecas, ou espaços voltados para histórias em quadrinhos dentro de bibliotecas, Pajeú, Maia, Bassoli e Lima (2007, *online*) expõem que esses materiais devem ser “organizados e dispostos de forma que possam ser recuperados posteriormente, necessitando de um tratamento adequado, sobretudo na classificação dos itens focando a necessidade de seus usuários”. Para isso, é preciso levar em consideração não apenas o gênero, mas o formato do material, o tipo de encadernação, a temática, faixa etária a qual é destinado o material, entre outras características.

Os autores descrevem que:

As bibliotecas modernas utilizam diversos códigos direcionados à classificação do conhecimento, visando uma melhor organização de seu acervo facilitada ao usuário. E as gibitecas, como elas têm sido classificadas e organizadas? Assim como as bibliotecas com a organização dos livros, ao tratarmos dos gibis como um gênero

literário de extrema importância na sociedade, que possui um lugar próprio para o seu tratamento e disponibilização, é necessário repensar como essa organização tem ocorrido nas gibitecas. Pelo fato do gibi ter um público-leitor multidisciplinar, é necessário pensar uma forma de organização do acervo que englobe e facilite todas as demandas de seus usuários, uma organização que tanto a criança quanto o adulto consiga recuperar o que deseja dentro deste acervo. Desta forma a classificação é de extrema importância no processo de interação entre o leitor e o acervo (PAJEÚ; MAIA; BASSOLI E LIMA, 2007, *online*)

A atenção com o usuário é essencial, porque o relacionamento que estes formam com as histórias em quadrinhos tende a ser diferente do que com livros, uma vez que algumas séries podem continuar existindo e se modificando por décadas, e um livro uma vez publicado ele está finalizado. Você pode buscar outros livros do mesmo autor, mas dificilmente terá novos livros recontando a história dos mesmos personagens, que é o que acontece nas editoras mais populares de quadrinhos.

O Homem-Aranha, personagem da editora Marvel, por exemplo, existe desde 1962. O Batman, da DC Comics, desde 1939. Desde sua criação, ambos já tiveram suas histórias recontadas inúmeras vezes, às vezes modificadas a ponto de serem personagens quase que totalmente diferentes, às vezes só dando uma mudança de tom, ou o estilo da arte, mudando e evoluindo conforme o mundo muda e evolui, assim como o seu público. Em ambas as séries, há histórias leves e divertidas, mas também há histórias mais pesadas e densas, que lidam com temas como luto e violência ou possuem conteúdos gráficos explícitos. Com essa mutação constante, e a própria variação de artistas que trabalham dentro de uma série, a classificação tradicional (CDU e CDD) por si só não torna a organização e recuperação do acervo tão eficiente quanto se espera ou quanto poderia ser em comparação com livros.

Melo (2022, p. 9) reforça a ideia de que ao se organizar uma gibiteca “é necessário considerar o fato de as histórias em quadrinhos ter um público-leitor multidisciplinar”, e que por causa disso “deve-se pensar em uma forma de representação temática e descritiva que contemple as características não somente das obras, como fonte de conhecimento, mas também das estratégias de busca de seus possíveis usuários”. Ou seja, é preciso pensar na forma que o usuário se relaciona com o acervo e, em consequência, isso torna a recuperação da informação mais natural e eficiente. Também devemos considerar que:

A classificação de histórias em quadrinhos é geralmente determinada pela sua forma (suporte informacional) e não pelo seu conteúdo propriamente dito. A CDD até reconhece as diferenciações existentes (graphic novels etc), porém agrupa todas as histórias em quadrinhos em uma mesma notação: 741.5 (MELO, 2022, p. 21)

Já na CDU, não há um código específico, sendo necessária uma adaptação, “onde na verdade se é utilizado o código ‘741.5’ referente a ‘Caricatura’, ‘Cartum’, ‘Desenho humorístico’ e ‘Desenho satírico’.” (MELO, 2022, p. 22). Isso torna a recuperação pouco prática em um acervo feito exclusivamente de HQs, ou em coleções maiores de HQs em bibliotecas.

Abud (2012, p. 3), pesquisador e bibliotecário, coordenador da Gibiteca Henfil do Centro Cultural São Paulo, comenta que as histórias em quadrinhos “não possuem um padrão editorial como os livros”, sem uma obrigatoriedade para folha de rosto, ficha catalográfica, conteúdo da capa, lombada, orelhas, e mesmo sinopse da história, o que, compreensivamente, “confunde e dificulta o trabalho dos bibliotecários no processo de catalogação”.

Na Gibiteca Henfil de São Paulo, que contém o maior acervo de HQs da América Latina, foi desenvolvido um “Manual de Catalogação de Histórias em Quadrinhos”, que utiliza ferramentas existentes de catalogação (como o AACR2, MARC21, CDD, entre outros) em conjunto com “as tabelas complementares de classificação adaptadas pela Desenvolvimento de Coleções e Tratamento de Informação (DDCTI) para os gêneros ficcionais de Histórias em Quadrinhos” (ABUD, 2012, p. 3).

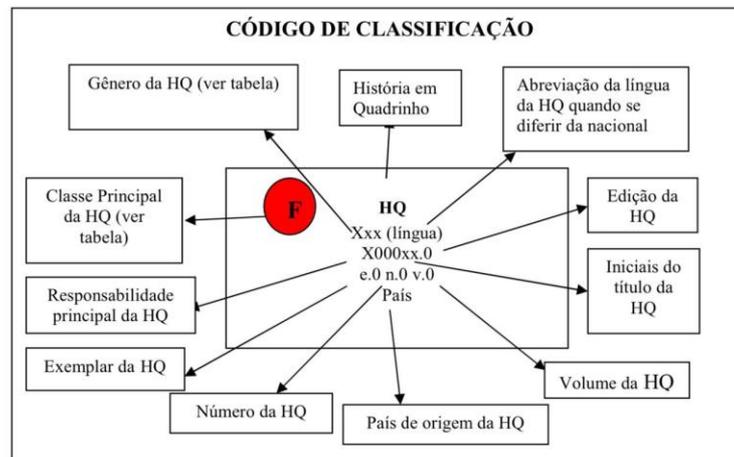
A classificação proposta por Pajeú, Maia, Bassoli e Lima (2007), por outro lado, é majoritariamente nova, utilizando um sistema de cores, abreviações para designar o tipo de obra, classe da história e gênero, além de número de exemplar e volume da obra, se houver, aís de origem, mantendo apenas o código Cutter da classificação tradicional (2007), como demonstrado na figura 1.

Em seu “Manual de catalogação para acervos de histórias em quadrinhos: como organizar uma biblioteca”, Melo (2022) se utiliza de outros sistemas já propostos, como o de Abud (2012) e Pajeú (2007) para criar um próprio. Nesse sistema, Melo também faz uso de uma classificação por cores, mas aqui ela é utilizada como classificação etária, utilizando-se da tabela de classificação de mídias audiovisuais¹ proposta pelo Governo Federal brasileiro. Essa escolha se deve ao caráter visual das histórias em quadrinhos, em que conteúdos sexuais e violentos podem vir acompanhados de imagens explícitas. A autora também fala sobre a necessidade de elaborar um “controle de autoridade pertinente ao gênero” (MELO, 2022, p.

¹ <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/classificacao-1/classind-audio-visual-4-edicao-2021.pdf>

18), para conseguir manter uma padronização uma vez que, como mencionado anteriormente, é comum um mesmo volume ter vários artistas envolvidos.

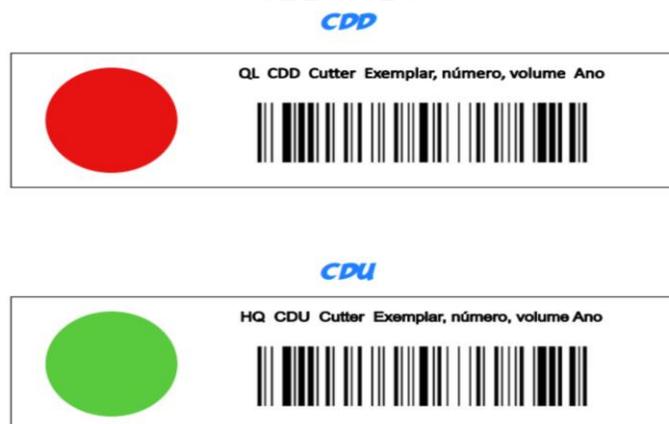
Figura 1 - Código de classificação proposto



Fonte: Pajeú et al., 2007

Melo (2022) também pensou em como organizar a classificação, tanto para a CDD quanto para CDU (figura 2), o que facilita para bibliotecas que se utilizam de um sistema ou outro.

Figura 2 - Exemplo de etiquetas demonstrando a utilização com CDD e CDU

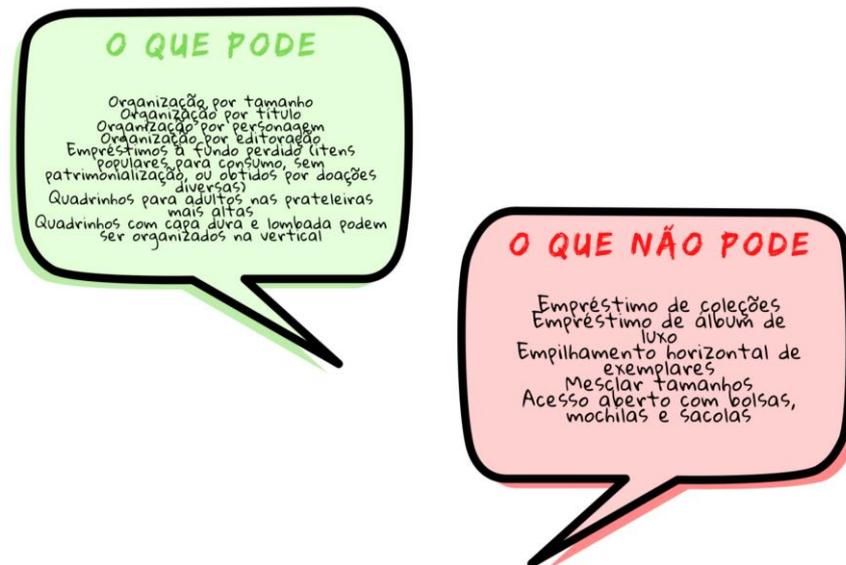


Fonte: Melo, 2022.

Outro ponto levantado por Melo (2022) em seu Manual é a organização física do espaço, que, por se tratar um material diferente, se beneficia de uma organização diferenciada. É apontado como em uma gibiteca, ou em uma coleção de histórias em quadrinhos em uma

biblioteca, a organização pode se dar por tamanho, personagem, editora, título, as histórias mais gráficas em prateleiras mais altas (figura 3).

Figura 3 - Orientações a respeito de organização e serviços ofertados em uma gibiteca



Fonte: Melo, 2022.

Isso é importante porque permite ao profissional certa liberdade na hora de tornar a organização do acervo mais coesa, além de permitir aos usuários uma navegação mais intuitiva pelo espaço.

Nesse sentido, observando e vivenciando o dia a dia do público da Gibiteca Henfil, que este estudo se debruçou sobre uma proposta que atendesse as características não só do acervo, mas também dos seus usuários.

3 A GIBITECA HENFIL

Localizada na Fundação Espaço Cultural (FUNESC, instituição estadual), em um bairro da capital paraibana que em sua maior parte é residencial, a Gibiteca Henfil é um espaço pequeno, em um dos aquários da fundação. Possui 15 estantes, uma mesa de trabalho com computador para o funcionário que está no turno, três mesas para usuários, cada uma com quatro cadeiras. Devido ao tamanho do local, o espaço entre as estantes não é adequado, e a

forma que estão posicionadas não permite que o bibliotecário tenha uma visualização completa do espaço a partir de sua mesa de trabalho (figura 4). O espaço também não possui câmeras de segurança.

Figura 4 - Gibiteca Henfil (2023)



Fonte: autoria própria, 2023.

Seu acervo é bastante diversificado, até o mês de junho de 2023, conta com mais de 8 mil exemplares, incluindo: gibis infantis (Turma da Mônica, Pato Donald, Mickey, Saci, Menino Maluquinho, Mafalda etc.), mangás de diferentes categorias e para diferentes idades², quadrinhos nacionais, exemplares raros, super-heróis, quadrinhos de conteúdo com sexual explícito, quadrinhos de violência explícita, clássicos como Sandman e V de Vingança, adaptações de clássicos literários em forma de quadrinhos, quadrinhos educativos, quadrinhos paraibanos e nacionais, *graphic novels*, quadrinhos em língua estrangeira, *fanzines*, HQs de faroeste, e até revistas e livros que tem as histórias em quadrinhos como seu tema principal.

A Gibiteca foi criada em 1990, quando fundada pelo professor Henrique Magalhães, como um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O acervo inicial era composto pelos quadrinhos do próprio Magalhães, e depois foi crescendo devido a doações dos usuários, dos quais a Gibiteca depende até hoje.

² É importante destacar que a classificação de mangás, histórias em quadrinhos japonesa, é diferenciada por si só, respeitando como o Japão se referem aos gêneros de histórias, como garotas mágicas, e a forma como separam por idade e gênero, como *shojo*, marcando que são histórias para garotas adolescentes e jovens adultas, e *shonen*, para garotos adolescentes e jovens adultos.

Até o início de 2019, a Gibiteca utilizava o programa Biblioteca Livre (BibLivre) para a catalogação de seu acervo, até então contando com bem mais de 5 mil exemplares. No início do estágio referido neste trabalho, em julho de 2019, o BibLivre não estava mais sendo utilizado por falta de atualização nos equipamentos da Gibiteca. Os responsáveis acham que, devido ao crescimento do acervo, o programa não suportou o volume de cadastros. Um *backup* da catalogação feita até 2019 havia sido salvo, mas não havia uma forma de consultá-la ou atualizá-la.

Nesse período, duas funcionárias atuavam na Gibiteca, uma museóloga que estava à frente do setor administrativo e trabalhava durante a semana, e uma educadora que era responsável pelo atendimento ao público nos fins de semana e feriados. Em julho de 2019, juntaram-se a equipe dois estagiários, sendo eles a autora deste trabalho, na época cursando o quarto semestre de Biblioteconomia na UFPB, e um colega que, na época estava no terceiro semestre do mesmo curso.

De segunda a sexta, a Gibiteca fica aberta ao público das 8h às 12h, e das 14h às 18h, já nos fins de semana e feriados, ela funciona das 9h às 12h, e das 14h às 18h, podendo variar durante os feriados ou eventos realizados no Espaço Cultural. O acesso ao acervo é apenas local, não sendo permitido empréstimos ao usuário, com a exceção de materiais específicos para pesquisadores, com a assinatura de um termo de compromisso para empréstimo.

A Fundação Espaço Cultural, como o nome sugere, é um local de fomentação à cultura. Fundada em 1982, o Espaço Cultural José Lins do Rêgo, ou apenas Espaço Cultural, como é mais conhecido pelas pessoas da cidade, oferece cursos em diversas áreas artísticas, como dança e música, artes circenses, desenho, teatro, além de também contar com um cinema (Cine Bangüê), dois teatros, museu, planetário, a Biblioteca Juarez da Gama Batista, entre outros. É na FUNESC também que acontecem diversos shows, ou eventos abertos ao público, um deles inclusive oferecido pela Gibiteca Henfil, o Quadrinhos Intuados, um encontro regional sobre histórias em quadrinhos, que conta com expositores, palestras e cursos.

Assim como o acervo da Gibiteca é diversificado, seu público também o é. Em parte porque da mesma forma como há um livro para cada tipo de leitor, de acordo com as leis da Biblioteconomia, há uma HQ para cada tipo de leitor. É devido a essa enorme comunidade com diferentes interesses, circulando diariamente pelo Espaço Cultural, que o usuário da Gibiteca Henfil é tão diversificado. Há o usuário que lê quadrinhos desde criança e sabe exatamente o que gosta, conhece as editoras e publicações e reconhece nomes de autores. Há o usuário mais

casual, que na espera de uma aula, ou o horário de um filme, fica por lá lendo qualquer coisa que chame a atenção. Também tem as crianças que ainda são muito pequenas para entender as palavras, mas adoram olhar as figuras, e há as crianças que já se sentem confiantes o suficiente para sair dos gibis infantis e começar a explorar outras coisas. Há mães e pais empolgados mostrando aos filhos e filhas o que costumava ler quando tinham a idade deles. Outros entram sem saber o que é uma gibiteca (é um sebo? Uma biblioteca? Quadrinhos são coisas de criança?) mas se empolgam quando entendem, e ficam ainda mais contentes quando descobrem que um determinado quadrinho, que eles leram décadas atrás e não conseguiam mais achar, está disponível para leitura. Também há pesquisadores que se utilizam do material, muitas vezes das fanzines, para realização de seus trabalhos de pesquisa.

Conhecer o usuário é uma parte fundamental no trabalho como bibliotecário, e há estudos dedicados totalmente a isso. Segundo Figueiredo (1994, p.7), “estudos de usuários são investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então, para saber se as necessidades de informação estão sendo satisfeitas de maneira adequada”. É através desses estudos que descobrimos como os usuários estão utilizando a unidade de informação, como estão buscando essa informação e se estão tendo sucesso ou não nessa busca, que tipo de informações estão mais interessados, para então o bibliotecário transformar o ambiente e as ferramentas disponíveis, tornando-as mais agradáveis, práticas, acessíveis e eficientes para o público.

Como apontado por Santos (2017), as mudanças tecnológicas acontecem cada vez de forma mais constante, e isso influencia como o próprio usuário interage e busca as informações. Faz parte do trabalho do bibliotecário fornecer os meios para o usuário recuperar a informação de forma mais eficaz, respeitando em um acervo tão diversificado, suas preferências e o material que seja indicado para sua faixa-etária.

3.1 Organização e classificação da coleção da Gibiteca Henfil

À época de início do período de estágio, o acervo da Gibiteca Henfil estava organizado em ordem alfabética por título, com alguns tipos de materiais separado do restante do acervo: gibis infantis em um canto, mangás em outro – mas, sem uma divisão aparente entre eles; o conteúdo sexual explícito estava em uma parte mais reservada, e os quadrinhos de autores paraibanos em um espaço só para eles. A ordem nas estantes também não seguia o fluxo tradicional de leitura de estantes. Vale ressaltar que o acervo da Gibiteca é composto apenas por doações, então não há como prever quais títulos serão incorporados ao acervo.

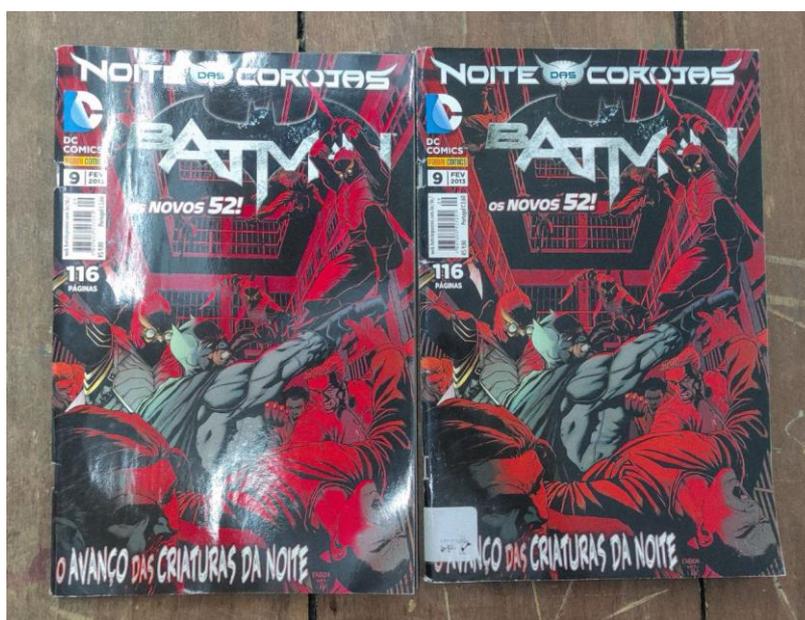
No início do estágio, fomos informados pela administradora que o principal objetivo com os estagiários era uma reorganização do acervo, de forma que facilitasse a busca dos materiais pelos usuários e pelos funcionários. Além disso, há o trabalho diário de atendimento ao usuário, recebimento e registro de doações e permanente manutenção do acervo existente, quando possível.

Na Gibiteca não se faz empréstimo de exemplares corriqueiramente. Essa possibilidade está reservada a pesquisadores que vão atrás de material específico e podem retirá-los sob solicitação e assinatura de um termo que os autorize e responsabilize-os pelos empréstimos. Em outras condições, o material só pode ser utilizado dentro do espaço. Com esse sistema de acesso ao acervo, a maior parte do trabalho de atendimento ao usuário se dá na forma de orientação sobre utilização do material, auxílio em encontrar um quadrinho específico, sugestões de leitura e recebimento de doações.

Durante as primeiras semanas de estágio em julho de 2019, foi importante entender e conhecer o acervo, assim como os grupos de usuários, para melhor atendê-los, fazendo uma análise do tipo de acervo existente e o tipo de público que era mais frequente.

O acervo estava organizado em seis grandes grupos: gibis infantis, mangás, histórias em quadrinhos de super-heróis, HQs nacionais, quadrinhos em língua estrangeira e fanzines. Dentro desses grupos, o material estava organizado de forma não muito clara, alguns com etiquetas com a classificação da CDU (figura 5), mas a maioria organizada apenas por título.

Figura 5 – Exemplo de HQs com e sem etiqueta



Fonte: Dados de pesquisa, 2019.

Parte do acervo catalogado ainda se encontra em fichas catalográficas, guardadas em uma pequena sala de depósito que existe dentro do equipamento. Esses mesmos dados estão salvos no *backup* do BibLivre, uma parte do que estava catalogado ali conseguiu ser transferido para um arquivo de planilha, onde se continuou acrescentando material. Ao começar a consultá-lo em busca de quadrinhos específicos para os usuários, percebeu-se que não havia constância na forma que se catalogava os quadrinhos. Muitas das HQs de super-herói costumam ter o nome do herói com um subtítulo para identificar o arco/história, ou a era daquele personagem. No entanto, a maioria das HQs do Batman, por exemplo, estavam catalogados apenas como Batman, muitas vezes sem mesmo ter o número da edição, o que dificultava na hora de identificar que história exatamente havia no acervo, ou quantos exemplares de cada HQ estavam disponíveis.

Por exemplo, o material era catalogado pelo título apenas como ‘Batman’ ao invés de **Batman: Asilo Arkham: uma séria casa em um sério mundo**, ou **Os Novos 52!: Batman: a Corte das Corujas #1**, generalizando os títulos das edições de uma mesma série de forma que não era possível saber de qual edição específica se tratava.

Essas inconsistências na representação das informações, no processo de descrição, prejudicava o atendimento aos usuários, uma vez que não havia uma forma eficiente de verificar se o material que eles estavam buscando existia no acervo, e também influenciava na manutenção e organização do mesmo.

Durante esse período de estágio, continuamos recebendo doações, e os exemplares recebidos eram cadastrados de forma completa na planilha dando início a um controle parcial sobre o acervo, enquanto se observava os usuários e a forma como utilizavam a Gibiteca antes da reorganização das estantes.

A partir da observação dos usuários e com o auxílio do livro de registro, onde é solicitado que todo mundo assine com o nome e idade ao entrar, e entrevistas informais, ou seja, conversas diárias casuais com usuários variados que frequentavam a Gibiteca, começamos a separar o público em cinco grandes grupos.

O grupo de usuários mais constante é aquele de pessoas que ficam pela Gibiteca enquanto esperam o horário de uma aula, ou ocupam o tempo ocioso depois da aula, esperando os responsáveis ou o próximo compromisso. A idade das pessoas desse grupo varia dos 6 (seis) até aproximadamente 14 (catorze) anos, e elas tendem a focar nos gibis infantis (Turma da

Mônica, Pato Donald, Mickey) e nas HQs mais famosas das grandes editoras (Marvel com Homem-Aranha, X-Men, Os Vingadores; DC com Batman, Superman, Mulher Maravilha etc.).

Com esse primeiro grupo, também surge um segundo: o dos pais que ficam esperando os filhos saírem da aula. Esse grupo de usuários, em sua maioria, costuma perguntar por histórias mais antigas, da época de quando eram jovens (Spawn, Flash Gordon, Conan, Tex), e ficam felizes em descobrir que há exemplares desses quadrinhos na Gibiteca. A outra parcela desse grupo, assim como no primeiro, busca histórias da Marvel e/ou DC.

Além dos dois primeiros grupos, que aparecem de forma mais constante, há o terceiro grupo, composto por pessoas que vão até a Gibiteca com o objetivo de aproveitar o equipamento, não apenas como uma parada antes do próximo compromisso. Esse grupo é mais amplo, mas é composto majoritariamente de adolescentes. Esses usuários não costumam estar interessados em explorar a diversidade do acervo, eles vão direto ao que já gostam, mas há alguma subdivisão de interesses dentre eles: tem os que leem apenas mangás, os que leem apenas as histórias da DC, os que leem apenas as HQs da Marvel, os que só leem quadrinhos da Vertigo.

Há também os usuários em potencial ou um pouco mais esporádicos, que são aqueles que durante eventos na FUNESC acabam passando pela Gibiteca, ficando curiosos o suficiente e entram para conhecer o espaço. Para esse público, é preciso explicar o que é uma Gibiteca (muitos acham que é um sebo), que histórias em quadrinhos não são histórias voltadas apenas para o público infantil, apresentar diferentes autores e quadrinistas. Muitos desses usuários retornam em outra oportunidade, seja sozinho, com filhos, ou com amigos.

Por último, como mencionado, há os pesquisadores. Eles representam o menor grupo, mas estão sempre utilizando o equipamento e seu acervo. Muitos estão interessados em um tipo específico de material que também é presente na Gibiteca, as fanzines, que são materiais criados por fãs de um determinado assunto voltados para outros fãs. Assim como revistas tradicionais voltadas para o público jovem, verificando as fanzines de uma determinada época, é possível entender no que as pessoas daquele período estavam interessadas.

A partir da observação aos usuários e suas preferências na hora de utilização da Gibiteca, assim como um conhecimento melhor do acervo em questão, ficou estabelecida uma nova organização baseada nos diferentes tipos de HQs e na forma que os usuários se comportam na busca por esses materiais, conforme exposto no quadro 2:

Quadro 2 - Organização do acervo na Gibiteca Henfil

Organização da Gibiteca Henfil	
Gibis infantis (Turma da Mônica, Pato Donald, Mafalda, etc.)	Expostos na entrada da Gibiteca, possibilitando fácil acesso ao público mais frequente: crianças. Essa parte do acervo é organizada por “série” (Turma da Mônica, Mickey, etc) em ordem alfabética por título, e então em ordem cronológica. Uma parte desse acervo fica com a capa exposta em um display, enquanto a maioria fica em uma estante baixa. É feito uma rotatividade entre ambos.
Mangás	Como quadrinhos japoneses, eles seguem as próprias regras, uma vez que muitos dos leitores gostam de se envolver na cultura. Os mangás foram, então, organizados respeitando a divisão etária japonesa: kodomo (criança), voltado para o público infantil, shonen (menino) e shoujo (menina), que são voltados para jovens dos 12 aos 18 anos, josei (mulher) e seinen (homem), que são voltados para o público adulto, seijin (voltado para o público adulto, mas diferenciado de josei e seinen por conter conteúdo erótico). Dentro dessas divisões eles foram, então, organizados por ordem alfabética de título.
Super-heróis	Dividido em cinco categorias: nacionais, clássicos/raros, editoras independentes, DC Comics e Marvel. Cada uma dessas categorias está organizada por ordem alfabética de título. Importante ressaltar que as HQs da DC e da Marvel, detentoras de muitas séries e títulos, estão também organizadas em ordem cronológica.
HQs adultas e terror	Aqui se encontram os quadrinhos mais gráficos, seja em teor sexual ou em violência, e as histórias de terror, uma vez que muitas histórias do gênero costumam ser gráficas. Elas estão organizadas por editora, e então por ordem alfabética por título.
Graphic Novels	Histórias de volume único, normalmente encadernadas e produzidas em material de melhor qualidade. Organizadas por autores paraibanos, autores brasileiros, autores estrangeiros, e clássicos. Todos por ordem alfabética de sobrenome de autor.
Adaptações literárias e HQs históricas	Separadas na prateleira pelo seu tipo, são então organizadas por ordem alfabética de título.
Revistas e HQs de humor	Organizadas por ordem alfabética de título. As revistas seguem, também, ordem cronológica.
Faroeste	Organizadas por ordem alfabética de título, seguindo a ordem dos volumes.
HQs informativas (meio ambiente, saúde etc.)	Organizadas por ordem alfabética de título.
Revistas e HQs em língua estrangeira	Organizadas por língua (espanhol, francês, japonês, etc) e então por título, ambas seguindo ordem alfabética.

Organização da Gibiteca Henfil	
Livros	Títulos referentes ao universo das histórias em quadrinhos (único tipo de livro tradicional aceito). Organizado em ordem alfabética por sobrenome do autor.
Revistas sobre HQs e mangás	Organizadas por ordem alfabética de título, e em ordem cronológica.
Fanzines	Organizadas por ordem alfabética de título, e sempre que possível por tema e ordem cronológica. Por ser um material extenso, em grande volume, dos mais diversos tamanhos e material, foram separadas em caixas arquivo e mantidas no arquivo do equipamento, uma vez que a Gibiteca não tem espaço para conseguir expor tudo de forma adequada, e é o tipo de material menos procurado. Quando algum usuário indaga sobre, geralmente pesquisadores, as caixas são trazidas para as mesas e eles podem procurar o que querem.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019-2023.

É possível perceber que a maior parte do acervo está organizado por ordem alfabética de título, não de sobrenome de autor. O motivo para isso vem da própria natureza das histórias em quadrinhos, onde muitas vezes vários autores e artistas diferentes trabalham no decorrer de uma série. Se a organização se desse seguindo o sobrenome de autores, ilustradores, coloristas ou outros dos diversos profissionais que trabalham em um único volume, as séries terminariam todas separadas e espalhadas pelas estantes. Organizando por título e, muitas vezes, ordem cronológica, assegura-se a continuidade das séries nas estantes. A ordem cronológica é a mais difícil de manter, mas mesmo quando o quadrinho é colocado junto de outra seção ele nunca está muito distante de onde deveria, facilitando na hora de encontrá-lo no acervo.

A exceção a isso se dá nas *graphic novels*, uma vez que estas são histórias em volumes únicos, e por uma lógica de agrupamento desse tipo de HQs, assegurando que as HQs de um mesmo autor fiquem juntas, a organização é realizada em ordem alfabética por sobrenome de autor. Esse mesmo processo representacional e de organização foi feito com os livros de conteúdo sobre o universo das histórias em quadrinhos.

Além das estantes, também são expostas de duas a três HQs sobre as mesas do espaço. Essas são mudadas toda semana, seguindo o calendário (quadrinhos feitos por mulheres no mês da mulher, autores e quadrinistas negros no mês da consciência negra, gibis que crianças

podem se interessar no mês das crianças etc.), e também aniversários de quadrinistas e ilustradores famosos, como Frank Miller e o próprio Henfil.

Quanto ao cadastro, realizado em planilha do programa Microsoft Excel para um controle do que há no acervo, uma vez finalizada a reorganização das estantes, foi recomeçado do zero. Isso se provou mais fácil e prático do que tentar descobrir a que quadrinho específico cada entrada se referia. No recadastro, preencheu-se: números de registro, título (com subtítulo), volume, título da série, quando houver, autores e ilustradores, ano de publicação, número de exemplares, gênero e editora (figura 6).

Figura 6 – Exemplo de catalogação no Excel

REGISTRO	TÍTULO	VOLUME	SÉRIE	AUTORES E ILUSTRADORES	EXEMPLAR	EDITORA	ANO	GÊNERO
2020001	O espetacular Homem-Aranha: de volta ao lar	#21	A coleção oficial de <i>graphic novels</i>	Stragczynski, J. Michael; Romita Jr., John	ex. 4	Marvel	2013	Super-herói
2020002	Surpreendentes X-Men: superdotados	#36	A coleção oficial de <i>graphic novels</i>	Whedon, Joss; Cassaday, John	ex. 6	Marvel	2013	Super-herói
2020003	Cardcaptor Sakura	#1		Clamp	ex. 1	JBC	2014	Mangá
2020004	X-Men: a era do apocalipse	#1		Vaughan, Brian K; Mackie, Howard	ex. 1	Marvel	2012	Super-herói
2020005	Magneto: atos de terror	Único		Young, Scottie; Mann, Clay; Walta, Gabriel Hernandez	ex. 3	Marvel	2013	Super-herói

Fonte: dados de pesquisa, 2019-2023.

Como é possível buscar termos dentro de uma planilha do Excel, isso facilita na hora de verificar se um quadrinho que o usuário deseja, existe no acervo.

3.2 O Manual para a classificação da Gibiteca Henfil

Em 2019, quando o estágio se deu início, fazia dois anos que o espaço estava sem estagiários, e contava com uma nova coordenadora, que não era formada na área e nem tinha um grande conhecimento de quadrinhos, embora fosse apaixonada pelos movimentos culturais e se esforçasse nas épocas de eventos realizados pela Gibiteca. Com isso, não foi possível contar com uma pessoa que soubesse descrever e explicar como o acervo estava sendo organizado e cuidado.

A ideia de criar um manual simplificado surgiu daí, para que os futuros estagiários e funcionários não formados na área não ficassem perdidos a respeito do funcionamento da

Gibiteca Henfil, e como a organização do acervo é feita. Isso garantiria a manutenção das coleções e evitaria um retrabalho de organização a cada nova gestão. Também foi levado em consideração a falta de recurso do local, que não possui impressora para a impressão de etiquetas, por exemplo, ou um computador com capacidade para executar programas mais completos, sendo usado apenas um computador que executa programas básicos.

O Manual (Apêndice A) foi pensando não só para propor uma organização, mas também para contextualizar o espaço e seu perfil. Nele é colocado uma breve história da Gibiteca, uma versão simplificada do tipo de usuário que frequenta o espaço, regras de utilização da mesma, como o acervo está organizado e localizado nas estantes, assim como dicas para a manutenção e conservação do acervo, explicação sobre o recebimento e envio de doação, além de como, no momento, está sendo feito o cadastro do material.

Desde que a nova organização foi posta em prática, tornou-se muito mais fácil localizar os exemplares desejados, assim como a navegação por parte dos usuários. Os estagiários que estão trabalhando no local no momento, terminaram o cadastro de todos os exemplares existentes e com as novas doações, tornando mais ágil a verificação sobre a existência de um exemplar na Gibiteca, o que como consequência facilita o controle da quantidade de exemplares de um mesmo material.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias em quadrinhos ainda têm um longo caminho antes de serem mais amplamente consideradas uma fonte de informação, mas não há como negar a sua importância na formação de leitores. A experiência de estágio na Gibiteca Henfil me permitiu observar de perto leitores sendo formados, seja pela própria curiosidade, ou devido às mães e pais animados em mostrar aos filhos as coisas que costumavam ler quando tinham a idade deles. Também foi possível observar como adultos e crianças navegavam entre as prateleiras, e perceber a confusão quando o que procuravam não estava onde eles achavam que estaria.

É possível perceber através de estudos já realizados por pesquisadores sobre o tema, que quando se trata de classificação e organização em uma gibiteca, ou em coleções de histórias em quadrinho, o que mais importa é como o usuário busca e se relaciona com o material, e como isso difere de como busca e se relaciona com livros tradicionais. Histórias em quadrinhos fazem parte de um movimento cultural próprio, com regras próprias, mesmo que isso signifique

que muitas vezes não haja muitas regras. E os espaços que as disponibilizam precisam levar isso em consideração na hora de classificá-las e organizá-las.

Devido a organização apresentada neste artigo, o serviço ocorre de forma mais fluida, sendo possível verificar se o título está presente no acervo com uma simples busca no controle de cadastro, e com a informação recuperada é possível saber exatamente onde uma HQ será encontrada na estante. Com isso, também se tornou mais fácil manter o ambiente organizado ao fim do expediente, sabendo o local certo a que cada material pertence.

Após quase dois anos do fim do estágio na Gibiteca Henfil (2021-2023), a organização realizada lá durante este período ainda permanece, mesmo com a rotação de estagiários e servidores. Isso demonstra que uma organização intuitiva, e adaptada aos usuários, ajuda na independência destes, e facilita a manutenção do espaço pelas pessoas que trabalham ali.

Este estudo também mostra a importância de se levar em consideração as particularidades dos espaços públicos no Brasil, onde os recursos alocados a espaços como bibliotecas e gibitecas variam muito, não apenas de região para região, como de estado para estado, e cidade para cidade. Ao se organizar esses espaços e pensar nos sistemas de classificação que melhor vão se adequar a eles, é preciso lembrar que não há um conjunto de regras específicas que possa funcionar em todos os acervos. O que se aponta como possível, é a adaptação de sistemas já existentes, de acordo com as especificidades de cada local, acervo e público.

Essa proposta não se finda aqui, à medida que dentre as reflexões que este estudo proporcionou, é importante destacar a necessidade de pesquisas mais aprofundadas, reconhecendo que esse tipo de acervo precisa ser pensado considerando suas particularidades e seu público, tornado assim a Gibiteca um espaço não só lúdico, mas também informacional.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Hugo Leonardo. **Catálogo de Histórias em Quadrinhos: uma metodologia de trabalho**. In: I Enacat - Encontro Nacional de Catalogação, III EEPC - Encontro de Estudos e Pesquisas em Catalogação, 2012, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos [...]. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/109278898/Catalogacao-de-Historias-em-Quadrinhos-uma-metodologia-de-trabalho>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- ASSUMPCÃO, Fabrício Silva; SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa. Representação no domínio bibliográfico: um olhar sobre os Formatos MARC21. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.20, n.1, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/W8zNQzdJvdVDhRqXxS3Vksj/?lang=pt>. Acesso em: 07 jun. 2023.
- CAIXETA, Mario; SOUZA, Renato Rocha. Representação do conhecimento: história, sentimento e percepção. **Informação & Informação**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 34-55, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1815/0>. Acesso em: 16 mai. 2023.
- FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudo de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.
- HOWE, Sean. **Marvel Comics: a história secreta**. São Paulo: Leya, 2013.
- MAIMONE, G. D.; SILVEIRA, N. C.; TÁLAMO, M. F. G. M. Reflexões acerca das relações entre representação temática e descritiva. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 21, n. 1, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91937>. Acesso em: 19 mai. 2023.
- MELO, Ida Conceição Andrade de. **Manual de catalogação para acervo de histórias em quadrinhos: como organizar uma gibiteca**. Tese (Mestrado) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2022. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/16785>. Acesso em: 16 mai. 2023.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 26.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.
- PAJEÚ, Hélio Márcio et al. **Uma nova proposta de classificação de histórias em quadrinhos**. *Biblionline*, João Pessoa, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/1920>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- SANTOS, Luana Schyara Matias dos. **A gibiteca e seus usuários: busca e uso da informação na Gibiteca Henfil da Fundação Espaço Cultural - PB (FUNESC)**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/22157/1/LSMS22022022.pdf>. Acesso em: 8 jun 2023.

SILVA, Danielle de Lima. **Sistema de classificação documentária: CDD x CDU**. In: XV EREBD N/NE - Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação, 2012, Juarez do Norte (CE). Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/98810>. Acesso em: 8 jun 2023.

Targino, M. das G. (1995). A INTERDISCIPLINARIDADE DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COMO ÁREA DE PESQUISA. **Informação & Sociedade: Estudos**, 5(1). Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/196>. Acesso em: 25 jun. 2023.

TEIXEIRA, Laryssa de Oliveira. **Elementos para a catalogação de histórias em quadrinhos: foco no controle de autoridade**. 2020. 97 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/26443>. Acesso em: 16 mai. 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição**. DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2005. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/08/pdf_c94ba9dea2_0011604.pdf. Acesso em: 12 jan. 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro; GOLDENBAUM, Jean. **A documentação sobre histórias em quadrinhos: a contribuição do Diretório Geral de Histórias em Quadrinhos no Brasil**. In: INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação - BH/MG - 2 a 6 Set 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/endocom_trabalhos.htm. Acesso em: 8 jun 2023.

**APÊNDICE A – GIBITECA HENFIL: MANUAL DE SERVIÇOS DA GIBITECA
HENFIL**

GIBITECA



HENFIL

MANUAL DE SERVIÇOS



Somos todos
PARAÍBA
Governo do Estado

MANUAL DE SERVIÇOS

Gibiteca Henfil

SOBRE

A Gibiteca Henfil está localizada na Fundação Espaço Cultural (FUNESC), no bairro de Tambauzinho, em João Pessoa (PB), e é dedicada exclusivamente a histórias em quadrinhos, contendo em seu acervo materiais de estudo e de entretenimento. Surgiu em 1990, fundada pelo prof. Henrique Magalhães como um projeto de extensão da UFPB. Funcionou por 10 anos na FUNESC antes de ser transferida para o Centro de Comunicação da UFPB, onde ficou restrita a pesquisas acadêmicas. Em 2015, retornou ao espaço da FUNESC, e seu acervo de mais de 5 mil exemplares voltou a ser de livre acesso.

ACERVO

Iniciado por Henrique Magalhães, o acervo conta com mais de 5 mil exemplares, composto por gibis infantis, mangás, clássicos de super heróis, autores independentes, histórias eróticas, exemplares raros, fanzines, quadrinhos importados, e uma coleção crescente de material para estudo.

MANUAL DE SERVIÇOS

Gibiteca Henfil

PÚBLICO

Por causa da natureza diferenciada do acervo da Gibiteca e sua localidade, o público que a frequenta é ao mesmo tempo diverso e bem específico.

No dia a dia, a maior parte de seus usuários consiste em crianças de 04 (quatro) a 10 (dez) anos, enquanto esperam a aula de algum dos cursos oferecidos pela FUNESC começarem, as mais novas acompanhadas dos pais, as mais velhas muitas vezes sozinhas.

Outro público consistente é formado justamente pelos pais que estão esperando os filhos saírem da aula. Esses usuários normalmente já sabem o que querem ler.

Além disso, há os usuários que são, de fato, fãs de quadrinhos e que podem perguntar sobre uma história específica.

Por fim, há o usuário casual, que acaba "achando" a Gibiteca durante algum dos eventos de fim de semana e ficam curiosos em conhecer o que o espaço oferece.

REGRAS

- Não se deve consumir alimentos ou bebidas no interior da Gibiteca, com a exceção de água;
- O material retirado das prateleiras deve ser colocada na caixa indicada ou permanecer sobre as mesas;
- Por ser frequentado por muitas crianças, o silêncio absoluto não é necessário, mas é preciso controlar o barulho;
- Não é realizado empréstimos*;
- Doações são aceitas se o material estiver em bom estado (ou seja, não estejam rasgados);
- Sempre ficar de olho para que crianças e adolescentes não leiam conteúdo inapropriado (gráficas).

*Pesquisadores podem levar até 04 (quatro) materiais emprestados, mediante assinatura de documento





SERVIÇOS TÉCNICOS

ORGANIZAÇÃO DAS ESTANTES

Pela natureza diferenciada do acervo, cada tipo de material foi organizada do modo a ser mais intuitivo para o usuário.

GIBIS INFANTIS:

Essa parte do acervo é organizada por “série” (Turma da Mônica, Mickey, etc) em ordem alfabética por título, e então em ordem cronológica.

MANGÁS

Os mangás foram, então, organizados respeitando a divisão etária japonesa: kodomo (criança), voltado para o público infantil, shonen (menino) e shoujo (menina), que são voltados para jovens dos 12 aos 18 anos, josei (mulher) e seinen (homem), que são voltados para o público adulto, seijin (voltado para o público adulto, mas diferenciado de josei e seinen por conter conteúdo erótico). Dentro dessas divisões eles foram, então, organizados por ordem alfabética de título.



SUPER-HERÓIS:

Dividido em cinco categorias: nacionais, clássicos/raros, editoras independentes, DC Comics e Marvel. Cada uma dessas categorias está organizada por ordem alfabética de título. Importante ressaltar que as HQs da DC e da Marvel, detentoras de muitas séries e títulos, estão também organizadas em ordem cronológica.

HQS ADULTAS E TERROR:

Aqui se encontram os quadrinhos mais gráficos, seja em teor sexual ou em violência, e também as histórias de terror, uma vez que muitas histórias do gênero costumam ser gráficas. Elas estão organizadas por editora, e então por ordem alfabética por título.

GRAPHIC NOVELS:

Histórias de volume único, normalmente encadernadas e produzidas em material de melhor qualidade. Organizadas por autores paraibanos, autores brasileiros, autores estrangeiros, e clássicos. Todos por ordem alfabética de sobrenome de autor.



ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS E

HQS HISTÓRICAS:

Separadas na prateleira pelo seu tipo, são então organizadas por ordem alfabética de título.

REVISTAS E HQS DE HUMOR:

Organizadas por ordem alfabética de título. As revistas seguem, também, ordem cronológica.

FAROESTE:

Organizadas por ordem alfabética de título, seguindo a ordem dos volumes.

HQS INFORMATIVAS (MEIO AMBIENTE, SAÚDE ETC.):

Organizadas por ordem alfabética de título.

REVISTAS E HQS EM LÍNGUA ESTRANGEIRA:

Organizadas por língua (espanhol, francês, japonês, etc) e então por título, ambas seguindo ordem alfabética.



LIVROS:

Títulos referentes ao universo das histórias em quadrinhos (único tipo de livro tradicional aceito). Organizado em ordem alfabética por sobrenome do autor.

REVISTAS SOBRE HQS E MANGÁS:

Organizadas por ordem alfabética de título, e em ordem cronológica.

FANZINES:

Organizadas por ordem alfabética de título, e sempre que possível por tema e ordem cronológica. Por ser um material extenso, em grande volume, dos mais diversos tamanhos e material, foram separadas em caixas arquivo e mantidas no arquivo do equipamento, uma vez que a Gibiteca não tem espaço para conseguir expor tudo de forma adequada, e é o tipo de material menos procurado. Quando algum usuário indaga sobre, geralmente pesquisadores, as caixas são trazidas para as mesas e eles podem procurar o que querem.

MANUTENÇÃO E CONSERVAÇÃO DO ACERVO

O material do qual as HQs são feitas é mais sensível e delicado que o dos livros, para cortar custos, então é necessário ter atenção na guarda dos mesmo e na limpeza.

Lembrar que não se deve passar produto nas estantes, pois mesmo tirando tudo pode reagir com o papel do material e danifica-lo. Também é preciso lembrar de fazer uma rotatividade dos quadrinhos que ficam expostos e limpa-los com um paninho seco.

Sempre que possível, retirar os grampos das novas doações, substituindo por linha, para evitar o dano causado pelo envelhecimento do grampo.

MANUAL DE SERVIÇOS

Gibiteca Henfil

CADASTRO DE NOVO MATERIAL

A Gibiteca encontra-se sem um sistema de cadastro no momento, o material recebido é para ser cadastrado em uma planilha do Excel, e deve conter os dados solicitados: título (com subtítulo), volume, título da série quando houver, autores e ilustradores, ano de publicação, editora, número do exemplar, gênero.

RECEBIMENTO DE DOAÇÃO

Todo material recebido precisa ser listado em um documento com o nome do doador, seu CPF/CNPJ, e endereço. Uma cópia fica com o doador, outra com a Gibiteca. Esse documento pode ser encontrada na pasta de documentos na área de trabalho do computador.

DOAÇÃO DE MATERIAL

Para doação é separado o material que possui mais de três exemplares, em bom estado. É preciso, então, fazer a listagem do mesmo em um documento, colocando o nome de quem vai receber a doação, CPF/CNPJ, e endereço.

ARQUIVO

No Arquivo da Gibiteca Henfil ficam guardadas as fanzines, organizadas em caixas por ordem alfabética, uma vez que a maioria do público com interesse no material mais antigo são pesquisadores.

Ali, também guardamos as HQs já separadas para futuras doações, assim como material duplicado mas considerado "raro" ou "importante", do qual não será desfeito.